

# VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

Gisely Evely Cesario Gomes <sup>1</sup>  
Marcelo Medeiros da Silva <sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho é um relato das experiências vivenciadas por uma graduanda do curso de Licenciatura de Letras-Português do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba como bolsista do Programa Residência Pedagógica (PRP). Dentre as intervenções didáticas realizadas ao longo de 18 meses no referido programa pedagógico, foi escolhido para este relato o conjunto de aulas que tiveram como objeto de ensino o conteúdo da variação linguística. Para o conjunto dessas aulas, optamos pela elaboração de uma sequência didática que teve como norte alguns capítulos do livro *A Língua de Eulália* (2006), de Marcos Bagno, romance em que se discute o fenômeno da variação, da diversidade linguística e do preconceito linguístico. Além dos capítulos desse romance, utilizamos vídeos, charges, tiras e notícias para aprofundarmos os assuntos que estavam sendo discutidos em sala. Assim, para fundamentarmos a nossa intervenção, considerando-se a necessidade de reflexão sobre ensino de língua portuguesa, variação linguística e preconceito linguístico, guiamos-nos pelas orientações de Bagno (1999); Beline (2002); Gorski; Coelho (2009). Dentre os resultados que conseguimos alcançar, um deles foi desmistificar o mito da língua única que envolve os falantes do português brasileiro, como também a ideia de “erro” linguístico, enfatizando que, dentro do viés linguístico, a língua pode apresentar variação a partir do contexto social, geográfico e histórico no qual cada falante está inserido.

**Palavras-chave:** Ensino de Língua Portuguesa, Variação linguística, Preconceito linguístico.

## INTRODUÇÃO

Dentre as ações didáticas que empreendemos ao longo de nossa atuação como bolsista do Programa de Residência Pedagógica do subprojeto de Língua Portuguesa do curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, o interesse em relatar a experiência sobre a diversidade linguística surgiu a partir da constatação de que preconceito linguístico ainda está arraigado na nossa cultura e nos faz crer na existência de uma unidade linguística e desconsiderar a existência das variedades e diversidades linguísticas. Como compete à escola criar políticas de combate a todas as formas de preconceito, é importante trabalhar em sala de aula com a diversidade linguística com os alunos para terem em mente que a língua apresenta variações e possibilita que se comuniquem de maneira adequada e eficiente, ajudando também a deixar de lado os preconceitos linguísticos e assim

<sup>1</sup>Graduando do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [gisely.gomes@aluno.uepb.edu.br](mailto:gisely.gomes@aluno.uepb.edu.br).

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba e docente da Universidade Estadual da Paraíba, onde atua no curso de Letras do campus VI no Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP) e no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), ambos no campus I; e-mail: [marcelomedeiros@servidor.uepb.edu.br](mailto:marcelomedeiros@servidor.uepb.edu.br).



respeitar as diferentes maneiras de falar. Com isso, as atividades realizadas foram previamente planejadas a partir da elaboração de uma sequência didática e tiveram como objetivo refletir sobre o fenômeno da variação linguística em nosso país, compreender as raízes do preconceito linguístico e problematizar alguns mitos em torno de nossa língua, especialmente, o mito da unidade linguística. Acreditamos que, ao longo das aulas, foi possível propiciar aos alunos os conhecimentos para uma melhor educação linguística. Esse progresso ocorreu à medida que os discentes compreenderam que é necessário aprender a norma culta, não no sentido de substituir sua norma vernácula, por outra, mas capacitá-lo a dominar uma outra variedade para que possa se adequar a diferentes situações.

Por fim, o presente relato está dividido em 3 seções, além da introdução que traz uma breve contextualização do que está sendo discutido. A segunda contempla a fundamentação teórica, apresentando a heterogeneidade da língua; questões de normas e preconceito linguístico. Para tanto nos guiamos pelas orientações de Bagno (1999), Beline (2002), Gorski; Coelho (2009). Na terceira seção, apresentamos os resultados da experiência vivenciada em uma turma da primeira série do ensino médio de uma escola estadual do município de Monteiro. Na penúltima seção, apresentamos as considerações finais com as reflexões, e por fim, as referências.

### **Língua, variação e sala de aula: uma conversa a partir de *A língua de Eulália***

Os falantes, em especial os letrados, acreditam que a língua é homogênea e composta apenas por um conjunto de regras gramaticais. No entanto, a língua não se resume em apenas um conjunto de regras. Como afirma Bagno (2007), a língua é uma atividade social que é utilizada pelos seus falantes com o objetivo de interagir por meio da fala e da escrita, sendo construída e reconstruída cotidianamente, em vários contextos e situações. Assim, ela não é um produto pronto nem acabado, pois está sempre em processo de transformação, a partir dos usos linguísticos, como destaca Castilho (2000):

A língua é, como atividade social, corresponde a um conjunto de usos concretos, historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico conversacional previamente negociado. [...] é um fenômeno funcionalmente heterogêneo, representável por meio de regras variáveis socialmente motivadas (Castilho, 2000, p. 12 apud Gorski; Coelho, 2009, p. 75).

Em outras palavras, o sistema linguístico não é homogêneo, mas é constituído de regras variáveis, que atuam em todos os níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático,

lexical e discursivo. Nesse sentido, a língua é constituída de variedades linguísticas. Outro aspecto a destacar é que a língua é um instrumento que serve para se comunicar igualmente, sendo inconcebível, portanto, afirmar que uma língua ou uma variedade linguística seja inferior ou superior a outra. No entanto, sabemos que, como disse Bourdieu (1983 apud Gorski; Coelho, 2009, p. 81), determinados mercados linguísticos valorizam as pessoas que falam ou escrevem na modalidade formal que é considerado a linguagem legítima. Outras pessoas que utilizam as modalidades não-padrão podem falar, mas seu discurso não terá o mesmo reconhecimento e valor que os falantes da modalidade padrão. Nesse sentido, essas diferenças estão relacionadas aos valores sociais que são atribuídos pela sociedade. Assim, sabendo da variedade presente na língua portuguesa e do preconceito linguístico existente em nosso meio social, em nossas ações na Residência Pedagógica, nos propusemos a seguir os apontamentos de Marcos Bagno, procurando trazer as melhores metodologias e textos que despertassem o interesse dos alunos, bem como os incentivassem a ter um olhar crítico e reflexivo sobre os problemas enfrentados no seu meio social no que tange ao preconceito linguístico.

Considerando-se o exposto, o nosso trabalho sobre língua e variação linguística foi realizado na ECIT José Leite de Souza, localizada na cidade de Monteiro-PB, na turma do 1º ano F do Ensino Médio. Para o conjunto de nossas aulas sobre o referido conteúdo, elaboramos uma sequência que teve como subsídio alguns capítulos do livro *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno, mais especificamente, os três capítulos iniciais: “A chegada”, “Quem ri do quê?” e “Que língua é essa?”, os quais serviram de norte para uma discussão com os alunos acerca da variação linguística, preconceito linguístico e dos mitos que envolvem a Língua Portuguesa. Além dos capítulos do livro, utilizamos charges, tirinhas, vídeos, músicas para ilustrar e/ou aprofundar o que estava sendo discutido em sala. As aulas giravam em torno das leituras dos capítulos do romance de Marcos Bagno. As leituras aconteciam de forma compartilhada e, após o término de cada uma delas, a docente indagava os alunos oralmente com perguntas interpretativas para ver se estavam compreendendo o objeto da discussão e o que poderiam acrescentar ou se tinham dúvidas a serem dirimidas.

Na primeira aula, a docente iniciou explicando que para o conjunto de aulas desta sequência, iria se guiar a partir do livro *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno. Esclarecido isso, antes de iniciar a leitura do primeiro capítulo, a professora realizou uma diagnose com os alunos para compreender o que eles entendiam sobre o “Português que falamos”. Após as respostas dos alunos, e da discussão em torno do que eles abordaram, a docente explicou que os assuntos das aulas seriam variação linguística e preconceito linguístico, aproveitando o

ensejo a professora questionou se a turma já tinha ouvido falar desse assunto, o que ouviram e o que pensavam sobre.

No segundo momento, a professora fez um resumo da obra *A Língua de Eulália* e uma breve apresentação do seu autor. Posteriormente, iniciou a leitura do primeiro capítulo da obra “A Chegada” e, ao terminar a leitura, questionou-os sobre o que estava sendo discutido, com as seguintes perguntas: Quem são os personagens que aparecem até aqui e para onde estão indo?; Quando Vera falou eu amo ela, referindo-se à Eulália, por que Emília riu?; Por que Emília, para justificar a sua atitude frente ao que foi dito pelas amigas, afirmou: “Temos um exemplo a dar. Uma professora deve estar sempre alerta!”? Esses questionamentos tinham como objetivo de uma melhor compreensão textual, que serviram para os encaminhamentos das temáticas.

No terceiro momento, a docente prosseguiu com a leitura do próximo capítulo “Quem rir de que?”. Após o fim, a professora perguntou-os: Por que Irene pergunta em que século Silvia nasceu? Como vocês avaliam a postura de Emília em relação ao modo que Eulália fala? Finalizando a aula, a docente explicou que esses questionamentos tinham como objetivo fazer com que os alunos começassem a entender a heterogeneidade da Língua Portuguesa.

Na segunda aula, a docente continuou com a leitura do segundo capítulo “Que língua é essa?”, que é subdividido em seções que tratam especificamente: “O mito da língua única”, “Toda língua varia”, “Toda língua muda”. Essa leitura aconteceu de forma compartilhada. Após o término da leitura, a docente indagou à turma: Segundo Irene, o que vem causando um sério estrago na educação no Brasil? O que é o mito da unidade linguística do Brasil?. Com isso, seria possível destacar primeiramente que no Brasil há um mito de unidade linguística. Assim, para a explanação da heterogeneidade da língua aos alunos da turma em que atuamos, levamos algumas palavras de origem estrangeiras e indígenas que podemos encontrar no Brasil, a fim de mostrar que dentro da Língua Portuguesa existem distintas vozes que a compõem e fazem com que essas palavras sejam reconhecidas como pertencentes ao nosso sistema linguístico: Fast-food (do inglês), Lingerie (do francês), Bife (do inglês beef), Show (do inglês). O intuito de apresentar essas palavras era mostrar aos discentes que a língua sofre mudanças ao longo do tempo, recebendo influências de outros povos e suas respectivas culturas, como estrangeiros, indígenas etc.

Na terceira aula, a professora dividiu a aula em dois momentos. No primeiro, a professora apresentou uma tirinha de Fernando de Gonsales, e após a exposição, leu e analisou juntamente com os alunos:



<https://diogoprofessor.blogspot.com/2016/11/atividade-sobre-variedades-linguisticas.html?m=1>.

Na tirinha percebe-se que a mulher devolve o papagaio por não se identificar com a variedade linguística que a ave fala. Após a leitura, a professora indagou com as seguintes perguntas: Qual assunto vocês acham que está sendo abordado na tira?; Por que a mulher ficou impressionada com a forma que o papagaio está falando?; O papagaio fala errado?

No segundo momento, após a leitura e discussão da tirinha, partindo do que lemos em Beline (2002), explicamos aos alunos os tipos de variação linguísticas: a variação regional que também é chamada de diatópica e é caracterizada a partir das diferenças regionais, ou seja, das diferenças linguísticas entre os falantes oriundos de regiões distintas, de um mesmo país ou de outro país diferente. Ilustramos, dizendo que em determinadas regiões o que conhecemos como “mandioca” é chamado em outras de “aipim” ou “macaxeira”. Em seguida, passamos a falar da variação diacrônica, que é também conhecida como histórica. Dissemos que ela é decorrente das transformações que acontecem na língua ao longo do tempo. Ilustramos com os seguintes exemplos: completar primaveras (antigamente) & fazer aniversário (hoje).

Posteriormente, ainda considerando o que havíamos estudado em Beline (2002), quando do planejamento prévio das aulas, passamos a explicar outro tipo de variação linguística: a diastrática, que também é conhecida como variação social e se refere às formas como determinados grupos sociais se valem da língua a partir do uso e da criação de vocábulos próprios para expressar o modo como eles interagem entre si e com o mundo. Um exemplo desse tipo de variação são as gírias e os jargões que compõem uma linguagem e apenas aqueles sujeitos que estão no grupo irão compreender o que está sendo posto. Prosseguindo com as aulas, passamos a explicar o que era a variação estilística. Também chamada de contextual ou de registro, ela pode ser formal ou informal a depender da situação comunicativa em que se manifeste. Assim, dissemos aos alunos que utilizamos a linguagem formal em situações comunicativas formais, como palestra, reunião empresarial, congresso, etc. Já a linguagem informal é utilizada em situações comunicativas informais, como encontro com os amigos, familiares e etc. Encerramos a aula, reiterando aos alunos que existem várias formas de se comunicar e a língua que utilizamos muda de certa forma para se adaptar ao interlocutor e ao contexto da situação.

Na quarta aula, a professora continuou a leitura do capítulo “Que língua é essa” de Marcos Bagno, a partir dos seguintes tópicos: “História da norma-padrão”, “Que é o português não-padrão”, e “Quem fala o PNP”. Após o término da leitura, a docente realizou algumas perguntas relacionadas ao que eles tinham acabado de ler: Vocês já tinham ouvido falar de norma-padrão? O quê? Por que as falas dos caipiras são desvalorizadas e desprestigiadas? Após a leitura dos tópicos, a professora abordou com os alunos sobre o que é esse português não-padrão e por que ele é considerado informal. Com isso, partindo do que lemos em Gorski e Coelho, passamos a falar sobre norma linguística. Para tanto, levamos em consideração que, “no âmbito dos estudos linguísticos, a norma diz respeito à língua em funcionamento nas mais diferentes situações comunicativas” (2009, p. 79). Por isso, compreende-se que a norma linguística é como um conjunto de usos, atitudes e valores socioculturais agregados às formas comuns a determinados grupos sociais, que funciona como um elemento de identificação de cada grupo (Faraco, 2002, p. 39 apud Gorski; Coelho, 2009, p. 79). Em vista disso, em sociedades diversificadas como a nossa, existem, então, várias normas: como a norma linguística dos pescadores, moradores do morro, e assim por diante.

Na quinta aula, a docente retomou o que estava sendo discutido na aula anterior, abordando as questões de norma-padrão e os preconceitos que surgem mediante a outras formas linguísticas que fogem do que é reconhecido como pertencente à norma-padrão. Após isso, a docente introduziu o conteúdo com a charge de Chico Bento, de Maurício de Sousa: <https://static.significados.com.br/foto/chico-bento-preconceito-linguistico.png>.

Posteriormente a leitura, a docente realizou algumas perguntas, como: qual era a atitude da professora em relação à pergunta de Chico, o que os alunos acharam do posicionamento da professora com Chico Bento. Na sequência reproduziu o vídeo “Dialeto Nordestino-uma resposta ao preconceito”, de Bráulio Bessa, que também tratava sobre o preconceito linguístico que ele teria sofrido nas redes sociais por ter tatuado um trecho de Patativa do Assaré. Após a leitura da charge e da reprodução do vídeo, refletimos com os alunos acerca do preconceito linguístico que está representado na charge e é denunciado no vídeo. Enfatizamos que o preconceito pode acarretar diversos problemas, entre eles a exclusão social. No terceiro momento, a professora utilizou um capítulo do livro Preconceito linguístico, de Marcos Bagno (1999). Este capítulo visa desmistificar o preconceito linguístico enraizado na nossa sociedade a partir da discussão do mito da unidade linguística no Brasil.

Na sexta aula, a docente continuou a leitura dos três tópicos do capítulo “O livro de Irene”, “O erro e o outro”, “Erro comum ou acerto comum”, em seguida, como forma de compreensão farão as seguintes perguntas: Qual a linguagem que Eulália fala? Existem várias

diferenças na língua. Porém, segundo Irene, qual é a mais estigmatizada? Por que não devemos considerar o português falado por Eulália errado? Finalizando a aula, a docente explicou que esses tópicos serviam para os alunos entenderem a necessidade de olharmos para todas as faces que uma língua pode oferecer, de uma forma especial, ao português não-padrão, pois é a língua materna usada pela maioria da população brasileira que de fato é desprestigiada pela norma-padrão.

Na sétima aula, foi continuada a leitura dos tópicos “Características do PNP”, PP e PNP, mais semelhanças do que diferenças”, “Do latim vulgar ao português não padrão”. Após a leitura, foram feitas algumas perguntas interpretativas aos alunos: Nas falas das personagens, quais as diferenças apresentadas por elas? O português não-padrão tem regras? Na sequência, a docente leu o poema “O poeta da roça”, de Patativa, para distinguir o PNP e o PP e posteriormente realizou algumas perguntas: Qual a linguagem utilizada formal ou informal? Qual a variedade linguística empregada no poema vocês acreditam que sejam? Por fim, foi feita a leitura de uma letra de música de Caetano Veloso para exemplificar a influência do latim no português. Após essa leitura, fizemos algumas perguntas aos alunos, como: Qual a linguagem utilizada formal ou informal? Qual a variedade linguística empregada na letra da canção? Encerrando a aula, a docente explicou a influência que o latim vulgar teve na Língua portuguesa, e na sequência fez um breve resumo sobre o que tinham discutido durante as sete aulas. Posteriormente, explicou que na próxima aula haveria um simulado sobre as temáticas trabalhadas.

Por fim, na oitava e nona aula, a professora realizou um simulado de múltiplas escolhas sobre o tema "Variação linguística". Essas questões foram tiradas de provas de concursos e também do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), pensando no momento de revisão das temáticas trabalhadas com eles. Logo em seguida, a professora juntamente com os alunos corrigiu cada pergunta, sanando as dúvidas que iam surgindo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos a vivência no Programa de Residência Pedagógica, pudemos perceber que a RP possibilitou a nós, residentes, vivenciar a realidade na escola desde os planejamentos das sequências didáticas até a observação do funcionamento da escola e a regência das aulas. Além disso, favoreceu a troca de conhecimentos mútuos de saberes entre a Universidade e a escola, de forma significativa para ambas as instâncias formativas. Nesse sentido, a introdução no contexto real da educação fez com que o futuro profissional docente tenha uma visão da

realidade educacional, permitindo-nos pensar com um olhar mais crítico e reflexivo sobre as nossas próprias ações pedagógicas e práticas de ensino, o que nos fez refletir acerca da construção de nossa identidade docente.

Desse modo, pensando nos alunos, sempre procurávamos chamar atenção deles para os assuntos que ministramos e fazíamos isso a partir de perguntas de motivação que os inserissem dentro do contexto/conteúdo que estava sendo discutido na sala de aula. Um dos assuntos que chamou mais atenção dos alunos foi o preconceito linguístico, justamente porque eles passaram por situações em que foram vítimas desse tipo de preconceito, sentido, portanto, na própria pele os impactos que o preconceito linguístico pode causar na vida das pessoas.

Posto isso, ao final das aulas que integraram nosso objeto de estudo, pudemos perceber que, dentre os resultados alcançados, conseguimos desmistificar o mito da unidade linguística e também a ideia de que os falantes do Português não-padrão falam errado, enfatizando que dentro do viés linguístico a língua pode apresentar variação a partir do contexto social no qual cada falante está inserido. Ainda que preliminarmente, acreditamos que conseguimos ampliar o horizonte dos estudantes acerca da diversidade linguística que envolve o português em contexto brasileiro. Por fim, fica o registro de que, apesar de a temática da variação Linguística ser amplamente debatida nos dias de hoje, se faz necessário enfatizar a importância dessa temática no processo de ensino aprendizagem, visto que foi algo bem recebido pelos alunos durante as aulas que ministramos.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **A Língua de Eulália**: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2006.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. São Paulo. 1999.
- BELINE, R. A variação linguística. IN: FIORIN, J. L. **Introdução à linguística I**. São Paulo. 2002.
- GORSKI, E. M; COELHO, I. L. **Variação Linguística e Ensino de Gramática**. Florianópolis. 2009.